

## Escola ginecológica paulista

Carlos Alberto Salvatore

Foi em 25 de janeiro de 1920 que o saudoso professor Arnaldo Vieira de Carvalho lançou a pedra fundamental do que mais tarde seria o grande Centro Médico Paulista. Foi ele o primeiro catedrático de Ginecologia, na recém-criada Faculdade de Medicina de São Paulo, cargo que ocupou por poucos anos, pois foi prematuramente arrebatado do convívio de seus pares.

Entre os que disputavam a sua sucessão na cátedra, destacava-se Nicolau de Moraes Barros, com dois anos de especialização na Áustria, grande capacidade de estudo, invulgar didata e

lapidada inteligência, prerrogativas que o levaram à vitória, assumindo em 1º de abril de 1921 a direção da Cadeira após brilhante concurso de Ginecologia na FMUSP.

O professor Nicolau de Moraes Barros nasceu em 18 de agosto de 1876, em Piracicaba, e diplomou-se pela Faculdade Nacional de Medicina em 1902.

Teve os melhores professores da Europa, como Schauta, Hitschmann e Adler, luminares da ciência médica, que devolveram ao Brasil o jovem facultativo, trazendo renovadas idéias e vastos conhecimentos, os quais aplicou em seus

trabalhos na Maternidade de São Paulo, onde prestou relevantes serviços por longos anos, e na Clínica Ginecológica da FMUSP, situada na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Preconizou a cura do câncer uterino pelo radium e pelos raios-X, naquela época em que os antibióticos não existiam e os processos anestésicos ainda não tinham aplicação generalizada, como em nossos dias.

Defendia o princípio de religioso respeito aos órgãos e suas funções, repudiando, sempre que podia, intervenções mutiladoras.

*Professor Nicolau de Moraes Barros e seus assistentes – 1942*



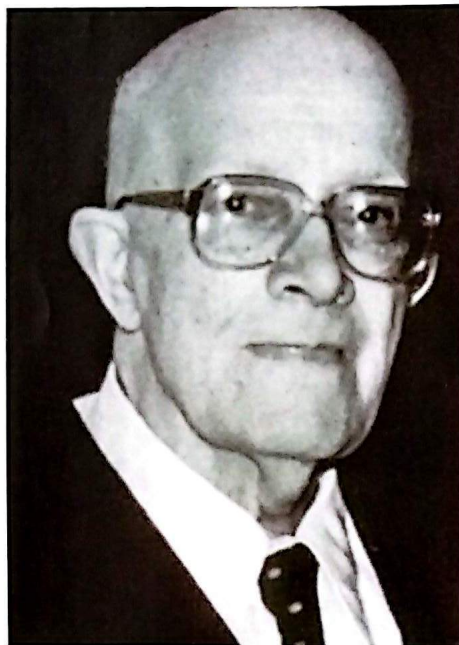
Essa sua filosofia conservadora era uma espécie de respeito à própria natureza.

Sua morte, ocorrida a 6 de março de 1959, impressionou fortemente toda a classe médica, que ficou com um sentimento de orfandade.

Em 18 de agosto de 1976, ocorreu o primeiro centenário do nascimento do professor Nicolau de Moraes Barros, em que tive a oportunidade de, em sessão solene, nesta escola, falar sobre o grande mestre.

Foi criador da Escola Ginecológica Paulista. O ritmo germânico de disciplina de trabalho, que imprimia, com estrita observância dos rigorosos princípios da ética profissional, predicados morais e profundo conhecimento científico da especialidade, ele os soube transmitir com invulgar brilho e notável didatismo. Realmente, ele marcou época como “didata nato” e como defensor intransigente da cirurgia ginecológica conservadora. Em seu livro *Lições de clínica ginecológica*, editado em 1944, espelho de sua grande experiência pessoal, lêem-se as seguintes frases no capítulo sobre o diagnóstico ginecológico: “O erro é contingência inevitável que a todos atinge, veteranos e neófitos, e de que só se preservam os que não têm casos a diagnosticar”. “Reconhecê-lo sem constrangimento, procurando retirar dele os ensinamentos que, em geral, encerra, é conselho de boa ética, confessá-lo é imperativo de probidade científica”. “Nunca oculte os meus e sempre deles me penitencie com franqueza e sinceridade”.

Pensamento como esse basta para ressaltar o grande vulto da medicina paulista e brasileira que ele foi, enchendo de orgulho aqueles que tiveram a ventura de conhecê-lo e de assimilar os seus ensinamentos. Como não podia deixar



Professor José Medina – 1970

de ser, sob sua orientação despontaram vários professores de Ginecologia em São Paulo: José Medina, Félix Queiroz, Paulo de Godoy, Waldemar de Souza Rudge, Sylla Mattos, Arthur Wolff Netto e Domingos Delascio.

O professor José Medina, como discípulo dileto do grande mestre, substitui-o em 1945 na cátedra de Ginecologia da Faculdade de Medicina de São Paulo, e também como professor na Escola Paulista de Medicina, não só difundiu como consolidou a Escola Ginecológica Paulista, formando uma segunda geração de professores que se mantiveram fiéis à filosofia do mestre. Paulo de Godoy continuou a difundir os ensinamentos de Moraes Barros no berço da ginecologia paulista, pois foi a Clínica Ginecológica da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo que agasalhou a Clínica Ginecológica da Faculdade de Medicina. Outro discípulo, Waldemar de Souza Rudge, na Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de Sorocaba, transmitiu os ensinamentos da escola de Moraes Barros às novas gerações de médicos.

Tive o privilégio de conhecê-lo pessoalmente e de receber seus ensinamentos através de suas magistrais aulas no Curso de Aperfeiçoamento em Ginecologia, por ele criado e desenvolvido no mês de janeiro de cada ano, e o qual se manteve e se tornou tradicional durante toda a gestão de seu discípulo e meu mestre, professor Medina. Orgulhosamente continuei a patrociná-lo seguindo as mesmas diretrizes do seu fundador.

Recordo, quando tive que ministrar minha primeira aula teórica em um desses cursos, no Hospital das Clínicas, que um cinemático temor de insucesso e uma forte noção de responsabilidade dominaram minha mente, porque estavam presentes, além do professor Medina, o famoso professor Nicolau de Moraes Barros. No final de minha modesta e debutante exposição, tive, porém, a grande satisfação de receber do insigne mestre palavras de conforto e de estímulo que jamais esqueci: “parece que você tem jeito, procure aperfeiçoar sua didática”.

Frases como essa, simples, porém proferida por mestre da sua envergadura, calam em profundidade e permanecem indelévels na mente dos jovens como fonte de perene estímulo e que somente a maturidade permite devidamente avaliar.

Também as recebia constantemente de seu discípulo e meu mestre, professor José Medina.

Natural da cidade de São Paulo, o professor Medina bacharelou-se em Ciências e Letras pelo ginásio da Capital de São Paulo e diplomou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em 1923. ainda jovem ganhou renome nacional e internacional.

Desde os bancos acadêmicos sustentou fama de possuir arguta inteligência e amor à especialidade. Por concurso, em 1922, tornou-se interno da Clínica Ginecológica da FMUSP. Posteriormente, assistente extranumerário, e depois, entre 1925 e 1934, segundo assistente da Cadeira de Ginecologia da FMUSP; pouco depois, chefe de Clínica, após conquistar o título de professor livre-docente em 1938.

Sua fama como grande didata, hábil cirurgião e exímio ginecologista foi demonstrada na maestria e entusiasmo com que transmitia aos estudantes e aos assistentes sua vivência na especialidade. Quanto ao toque genital, era conhecido seu *slogan*: “toca melhor e melhor diagnostica quem mais toca”.

Em 1945, conquistou com distinção a cátedra de Clínica Ginecológica da FMUSP, apresentando memorável tese sobre *Hiperplasia basal do endométrio, endometriose e carcinoma do corpo do útero*. Sua prova escrita versou sobre o “Câncer do colo do útero”.

Sua grande preocupação era instalar a Clínica Ginecológica no Hospital das Clínicas e equipá-la com os modernos requisitos da propedêutica ginecológica. A nova Clínica, situada no 10º andar do Hospital das Clínicas, teve sua inauguração em 20 de outubro de 1948. Deu início, em São Paulo, às campanhas de prevenção e detecção do câncer ginecológico, mercê da colposcopia e citologia vaginal oncológica, o método de Papanicolaou. Com auxílio de seu dinâmico chefe de Clínica, o professor José Gallucci, montou as seções de patologia mamária e de esterilidade e, com Paulo Gorga, a laparoscopia. Mais tarde, os setores de endocrinologia, infanto-pu-

beral, psicossomática em ginecologia e urologia ginecológica.

Publicou cerca de oito livros e mais de 160 trabalhos científicos. Foi membro de 15 sociedades médicas, entre nacionais e estrangeiras.

Herdando do professor Moraes Barros toda a filosofia ginecológica alemã, dificilmente o professor Medina concordava com as condutas de outras escolas, tal foi a influência marcante do mestre sobre o assistente.

Fez escola e preparou excelentes discípulos, entre os quais os professores José Gallucci, René Mendes de Oliveira, Paulo Gorga, Franz Muller, Armando Bozzini, Mário Ramos Nóbrega, Cosme de Guarnieri Neto, todos já falecidos, Álvaro da Cunha Bastos, José Roberto Azevedo, Hans Halbe e quem vos fala. Na Escola Paulista de Medicina, os professores Celso M. Godoy e Klaus Rudolf, já falecidos, Octaviano Alves de Lima Filho e vários outros discípulos que continuaram a honrar a escola filosófica do eminente mestre.

O professor Medina aposentou-se em 20 de abril de 1970 e faleceu em 31 de março de 1993, aos 93 anos de idade.

Antes de finalizar este pequeno relato, desejo salientar que, além de suas virtudes profissionais, foi um grande amigo e conselheiro de todos os seus assistentes e de todos os que o procuravam para auxílios, inclusive econômicos. Muito humano, certa vez presenteou seus principais assistentes com ações de um novo hospital, o Hospital Modelo. Lia todos os trabalhos científicos de seus assistentes antes de serem publicados e seu nome constava como autor somente quando ele pró-

prio participava na feitura do trabalho científico. Exemplo de grande mestre e de grandes virtudes morais. Sempre dizia: o professor deve dar o exemplo de dignidade e de moral em todas as suas atividades, inclusive familiares. Teve como esposa a digníssima dona Lola Medina, que acompanhou toda a sua vida profissional. Casal exemplar, com um filho, José Ricardo, e uma filha, Marilena.

Iniciava suas cirurgias na clínica particular às 5 horas da manhã e às 8 horas já estava no Hospital das Clínicas. Seu trabalho no consultório ia das 13 horas às 19 ou 20 horas. Clinicou em seu consultório até completar 90 anos de idade e reservava as últimas horas para pacientes sem recursos econômicos, estando sempre Sempre pronto para atuar em sua profissão. Todos aqueles que tiveram o privilégio de trabalhar com o professor Medina são eternamente gratos e tiveram a felicidade não apenas de usufruir sua sabedoria profissional, mas de terem ao lado um “grande amigo”, sempre pronto a dar sábios conselhos e amparo.

Difundiu e elevou por todo o Brasil e no exterior a Escola Ginecológica Paulista, criada por Nicolau de Moraes Barros. A ele devo pessoalmente minha carreira profissional, minha dedicação à Clínica Ginecológica da FMUSP, que procurei honrar durante o meu exercício de professor titular de Ginecologia até minha aposentadoria em 19 de abril de 1987.

---

**Carlos Alberto Salvatore**  
*é professor emérito da Faculdade  
de Medicina da Universidade  
de São Paulo*

# Pinacoteca contemporânea da APM

## Claudia Furlani

A artista mistura com sabedoria a figura feminina inspirada no mundo da moda e da publicidade ao fomento e a uma paisagem informal. A arte de Claudia nunca é narrativa: as figuras e os temas existentes em suas pinturas são modelos interativos.

Por dentro das suas pinturas, a imagem da mulher, por convenção a expressão do amor e da sensualidade, dialoga com o fundo da tela, criando uma figuração que conduz a um resultado conceitual, criando um conjunto não usual.

*Doação da artista Claudia Furlani ao acervo  
da Associação Paulista de Medicina  
O Casal*

*Acrílica sobre tela, 90 x 90cm, 2004*



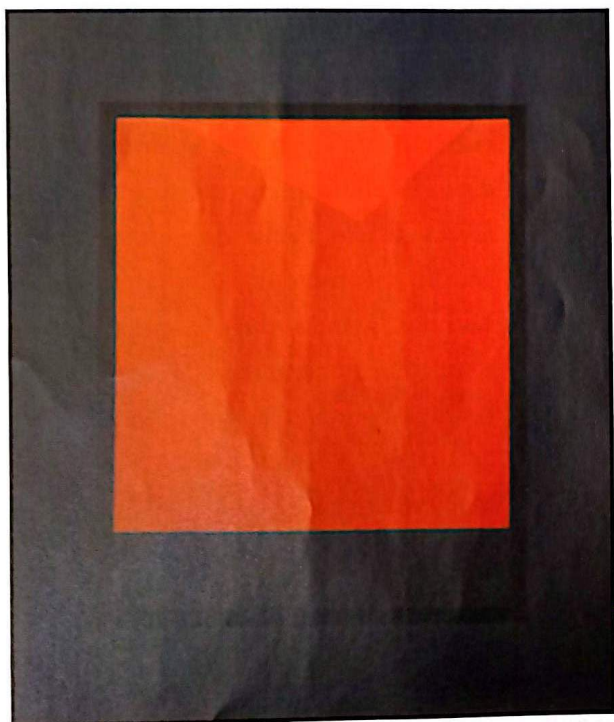
## Nelson Proença

Formado em Educação Artística pela Faculdade Montessori – SP. Trabalha com material diversificado, como: tinta a óleo, acrílica, aquarela e encáustica (cera associada aos pigmentos) a quente. Os suportes também variam. Suas obras atuais associam-se ao “minimalismo”, movimento das artes visuais e da música que representa o ápice das tendências reducionistas na arte moderna, sendo caracterizado pela simplicidade das formas e pela abordagem literal e objetiva dos temas.

*Doação do artista Nelson Proença ao acervo  
da Associação Paulista de Medicina*

*Recorte I*

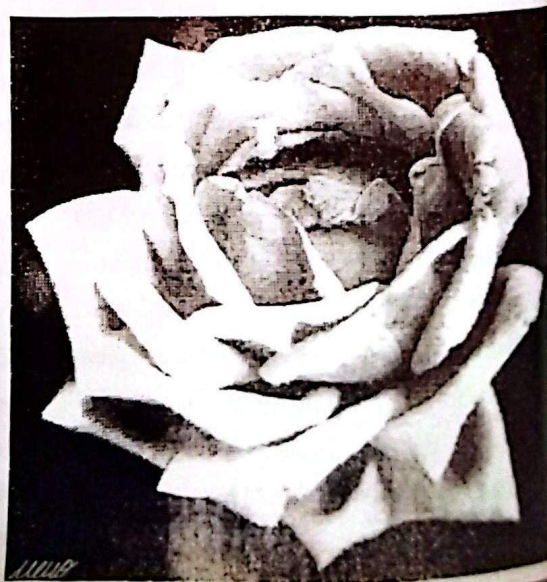
*Óleo sobre tela, 40 x 50 cm, 2004*



## Neno Ramos

Artista plástico e arquiteto, Neno Ramos começou seus trabalhos na Faculdade de Arquitetura, na qual teve aulas com alguns expoentes das artes plásticas, como Renina Katz, Marcello Nitschie, Haron Cohen e Flávio Império – entre outros.

Em 1994, começou a pintar profissionalmente, utilizando a *pop art* com seus ícones e palavras como forma de expressão.



## Ju Côte Real

Artista plástico, nascido em Campinas em 1949, inicia sua carreira artística ainda na infância, quando pintava ao observar os cientistas do Museu de Zoologia da USP. Dá início a sua formação na década de 1950 ao frequentar o ateliê do escultor e pintor Alfredo Olini. Na década seguinte, conhece o artista plástico Antonio Peticov, com quem passa a manter contato.

Frequenta os cursos livres de arte contemporânea na Faap, em São Paulo, entre 1963 e 1964. Na década de 1970, é aluno da Escola de Arte Brasil e passa a frequentar o ateliê de Carlos Fajardo e Dudi Maia Rosa. Nos anos 1980, coordena o Museu de Arte Contemporânea – José Pancetti, em Campinas. Atualmente, frequenta o NAC – Núcleo de Arte Contemporânea –, sob a coordenação de Antonio Peticov.



Doação do artista Ju Côte Real ao acervo da  
Associação Paulista de Medicina  
Anjo / (Deus) / Divino  
Acrílica serigrafada sobre tela, 1,12 x 1x12, 1997

Doação do artista Neno Ramos ao acervo  
da Associação Paulista de Medicina  
Brown Rose  
Tinta acrílica serigrafada sobre acrílica/  
tela, 100 x 100 m, 2004

## Fleming, a penicilina e Caminhoá

Jenner Cruz

Sir Alexander Fleming (1881-1955), um bacteriologista escocês que trabalhava no St. Mary's Hospital, em Londres, onde se graduara em Medicina, voltando de suas férias, em novembro de 1928, notou que a placa de certas colônias de estafilococos estava contaminada por outro germe, que ele identificou depois como o *Penicillium notatum*, e que em redor dessas novas colônias havia destruição dos estafilococos cultivados. Antes ele já fora destacado como capitão do corpo médico do exército, durante a Primeira Grande Guerra (1914-1918), e, em 1922, como o descobridor da lisozima, ao observar o efeito nocivo da lágrima sobre culturas de germes de pequena virulência.

No entanto, a antibiose entre certas bactérias já era um fenômeno conhecido. Tyndall, um biólogo inglês, em 1875 já descrevera as propriedades bactericidas de certas espécies de *Penicillium*, e Pasteur e Joubert, em 1877, mostraram os efeitos de alguns germes sobre o desenvolvimento de culturas bacterianas.

Pasteur inclusive lançara, na ocasião, a sua célebre frase “a vida impede a vida”, e o fenômeno da antibiose, termo criado por P. Vuillemin, em 1889, passou a ser citado em vários tratados de bacteriologia, muitos anos antes de Fleming.

O que a literatura médica mundial não citou foi que Joaquim Monteiro Caminhoá, professor de Botânica e Zoologia Médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, membro da Sociedade de Botânica da França, da Imperial Academia de Medicina do Rio de Janeiro e da Sociedade Abolicionista do Brasil, publicou, em 1877, no Rio de Janeiro, pela **Typographia Nacional**, a obra *Elementos de botânica geral e médica*, em cinco volumes, na qual, na página 1.718, no capítulo sobre “Cogumelos úteis, nocivos e curiosos”, pode-se ler: “O bolor (*Penicillium infestans*, *Penicillium glaucum*, figura 1680, *Ascochora* e tantos outros), é útil porque nutre-se decompondo e destruindo as matérias orgânicas em putrefação, e de modo que o cheiro infecto não se produz, em via de regra, ou produz-se em proporções infinitamente menores.”

Entretanto, Fleming mereceu o Prêmio Nobel que recebeu em 1945, juntamente com Sir Howard Walter Florey e Ernst Boris Chaim, ocasião em que disse: “Acusam-me de ter inventado a penicilina. Ninguém a poderia inventar, pois a natureza e certo bolor é que a produziram. Não, eu não a inventei, mas chamei para ela a atenção dos homens e dei-lhe o seu nome.” Mereceu porque ele não ficou apenas na observação deste fenômeno bem conhecido dos bacteriologistas. Fez uma solução com o *Penicillium*, que denominou penicilina, e provou, com seus poucos recursos, suas três propriedades: alto poder bactericida, mesmo em soluções muito diluídas, atividade mortal sobre vários tipos de germes e ausência de toxicidade.

Finalmente, os seus colegas de Prêmio Nobel, a famosa equipe de Oxford, na Inglaterra, chefiada por H. W. Florey, australiano e professor de Patologia, e com a colaboração de E. B. Chaim, químico judeu fugido do nazismo, fizeram o trabalho pesado, a partir de 1939, conseguindo tornar a penicilina um medicamento eficaz. Em 1941, Florey foi para os Estados Unidos convencer as autoridades americanas a comercializarem a penicilina. A penicilina foi sempre um remédio barato, porque seus três descobridores abriram mão de seus direitos autorais.

Jenner Cruz

é livre-docente e professor titular aposentado da disciplina de Nefrologia  
do curso de Medicina da Universidade Mogi das Cruzes

# As três Marias

Gladstone F. Machado

Era uma vez três mulheres importantes, em épocas distintas, de origens sociais bem diversas, que marcaram seu tempo apresentando em comum, além da inteligência e da determinação, o fato de advirem da bela e sofrida terra polonesa. Eram elas Maria Sklodovska Curie, Maria Leszczyńska e Maria Waleska.

Maria S. Curie, Prêmio Nobel duas vezes, o primeiro, de Física, em 1903, juntamente com seu marido, o cientista francês Pierre Curie e, posteriormente, já viúva, o de Química, em 1911.

Maria Leszczyńska, imperatriz da França por seu casamento com Luís XV (1826), dito e conhecido como o Bem-Amado.

E Maria Waleska, belíssima, casada jovem, aos 17 anos, com um velho nobre de 68, para salvar e solucionar a precária situação financeira de sua família, e que mais tarde viria a ser o grande amor de Napoleão Bonaparte.

## Maria Sklodovska Curie (1867 - 1934)

Nasceu em Varsóvia e desde cedo demonstrou inteligência e amor aos estudos, sempre estimulada por seus pais, ambos professores. Sua aspiração maior era um dia viajar a Paris a fim de cursar a Sorbonne. Esse dia chegou, quando convidada por sua irmã mais velha, casada com um médico de origem polonesa. Iniciou os cursos de Matemática e Física, distinguindo-se em ambos. Foram anos difíceis, de muito estudo, idealismo, provas e pouco dinheiro.

Casou-se quatro anos depois com Pierre Curie, professor de Física da Sorbonne, oito anos mais velho que ela.

O casal, após muita pesquisa e árduos trabalhos, descobriu, em 1896, o elemento Rádio, que se desintegra ocasionando o fenômeno da radioatividade, ainda hoje com importantes aplicações na terapêutica médica (cancerologia). Receberam o Prêmio Nobel de Física, em 1903, juntamente com o cientista Henri Becquerel.

Posteriormente, já viúva, pois seu marido falecera vítima de um acidente, em 1907, recebeu o Prêmio Nobel de Química (1911), ao descobrir outro elemento radioativo, subproduto do Rádio, que deu o nome de Polônio, em homenagem à sua terra natal.

Madame Curie, como é mundialmente conhecida, foi a primeira mulher professora da Sorbonne (Física) e fundadora do Instituto do Rádio, em Paris. Conceituadíssima internacionalmente no meio acadêmico e científico, visitou muitos lugares, para conferências e homenagens, tendo ido aos Estados Unidos duas vezes, a primeira em 1921.

Todavia, teve seus dissabores, um deles em 1911, quando ela, duas vezes Prêmio Nobel, foi rejeitada pela Academia de Ciências de Paris, o que muito a aborreceu. Mas, o maior desgosto e amargura sofreu, também em 1911, quando se envolveu com um colega da Universidade, o professor Paul Langevin, casado e pai de quatro filhos, caso que acarretou graves consequências, sendo explorado pela imprensa em termos grosseiros, acusando-a inclusive "de estrangeira que está a separar lares parisienses" (*Marie and Pierre Curie and the discovery of Polonium and Radium* - Nancy Froman).

No desenvolver desse caso, houve até um duelo entre Paul Langevin e Gustave Terry, editor de um jornal que publicara cartas supostamente falsas, duelo este que terminou de maneira inusitada, de forma incruenta para os dois contendores. O curioso de toda essa história é que, muitos e muitos anos depois, Marcel, neto do professor Langevin, casou-se com Hélène, neta de Madame Curie, também professora de Física (mesma fonte).

Tivemos a oportunidade de visitar o Museu de Madame Curie, na chamada Cidade Velha de Varsóvia, reconstruída integralmente após a Segunda Grande Guerra, no qual há farto material sobre ela, sua vida de cientista e professora,

fotos, livros, seus trabalhos principais.

Teve duas filhas: Irene, também cientista, casada com o professor Jean Frederich Joliot, que juntos ganharam o Prêmio Nobel de Física, em 1935, pela descoberta da chamada radioatividade artificial; e Eve, musicista e escritora, que escreveu a biografia de sua mãe.

Esteve ela no Brasil, visitando o Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, tendo ido à cidade de Lindóia, conhecida por suas águas radioativas.

Há uma passagem curiosa de sua chegada ao Rio de Janeiro, àquela época de navio: ao adentrar a belíssima baía da Guanabara, ela vestida simplesmente, fora advertida pela filha, chamando sua atenção para a multidão que se aglomerava no cais do porto. Como não dava tempo de trocar a toalete, aguardou a chegada como estava e, somente ao desembarcar, ficou sabendo que eles ali estavam para receber o famoso campeão de boxe Jack Dempsey, que também visitava o Brasil.

Madame Curie faleceu em 1934, de leucemia, certamente devido à constante exposição às substâncias radioativas. Por iniciativa do Presidente François Mitterrand, em abril de 1955, foram seus restos mortais e de seu marido Pierre Curie transferidos do cemitério de Sceaux, na periferia de Paris, para o Pantheon, em cerimônia solene.

## Maria Leszczyńska

(Breslau - 1703 - Versalhes - 1768)

Imperatriz da França, por seu casamento com Luís XV, em 1725, era filha do rei deposto da Polônia Stanislaw Leszczyński, que, na época, vivia exilado na Alsácia.

Tida como excessivamente religiosa, modesta, bondosa, segundo alguns historiadores, sem graça, não apresentava condições de realce para a imperatriz da corte mais atraente, refinada e famosa de toda a Europa. O próprio pai costumava dizer que as duas rainhas mais insípidas da época eram, sem dúvida, sua

mulher e sua filha Maria Leszczyńska (HRH Princesa Michael of Kent – *As grandes amantes da história*).

O rei, nos primeiros anos do casamento, tinha hábitos domésticos, bom marido, pai exemplar. A rainha, sempre grávida (teve 10 filhos), isolou-se aos poucos das festas da corte e seus mexericos. Com isso, Luís XV começou a ceder às tentações e aos assédios de muitas cortesãs, adquirindo o hábito vidente e já arraigado de manter suas favoritas na própria corte, publicamente. Entre outras, devemos citar Madame de Chateauroux, a Condessa de Barry, e a mais importante delas, pela excepcional inteligência e gosto artístico, que foi Madame de Pompadour (influenciou o rei na criação da Escola Militar, desenvolveu a fábrica de porcelana de Sévres, além da construção de palácios e castelos, chegando a assessorá-lo em negócios de Estado).

Madame Leszczyńska, quando da grave doença que acometeu o rei na cidade de Metz, por ocasião da guerra da sucessão austríaca, foi chamada e ficou a seu lado até seu restabelecimento. Nessa época, após a miraculosa cura do rei, o casal recuperou o prestígio diante dos súditos, notadamente ele, que passou a ser chamado, a partir de então, o Bem-Amado.

Maria Leszczyńska, sempre de hábitos domésticos, inovou alguns aspectos na cozinha da corte, em Versalhes, introduzindo pratos novos, entre os quais a afamada sobremesa *Babá au Rhum*, ainda hoje apreciada pelos *gourmets*.

Ela faleceu em 1768, seis anos antes de Luís XV, de causas naturais.

### **Maria Waleska (1786 – 1817)**

Nascida na aldeia de Brodno, próxima à Varsóvia, teve uma infância feliz, sendo educada em um convento. Posteriormente, foi aluna de Nicolas Chopin (francês, piano e história), que emigrara de Paris para a Polônia, junto com outros compatriotas, fugindo da Revolução Francesa, e que viria a ser o pai do grande compositor Frederich Chopin. Matias, o pai de Maria Waleska, morrera na guerra, deixando a família, viúva e

sete filhos, em situação financeira difícil, com dívidas e propriedades em franca decadência.

A solução encontrada foi convencer Maria a casar-se com o Conde Anastase Waleski, um velho nobre, rico, culto e viúvo, de 68 anos de idade, ela contando apenas 17. Logo após a lua-de-mel na Itália, Maria engravidou, vindo a nascer um menino, que recebeu o nome de Anthony.

Os poloneses tinham sofrido a suprema humilhação de verem seu país riscado do mapa, após a divisão que a Prússia, a oeste, a Rússia, a leste, e a Áustria, ao sul de suas fronteiras, haviam feito em seu território, em 1795. Passaram 123 anos subjugados, até 1918, quando, terminada a Primeira Grande Guerra, voltara a Polônia a existir como país independente.

A juventude polonesa, estimulada pelos mais velhos, aspirava à reestruturação política de sua terra e, na época de Madame Waleska, confiavam que Napoleão Bonaparte, senhor da Europa, o Imperador temido e belicoso, certamente lhes daria a soberania e a independência. Então, quando os franceses e o próprio Imperador chegaram a Varsóvia, houve várias homenagens a ele, ao seu *staff* político e ao seu Estado-maior, e, no primeiro baile em sua honra, ficou impressionado com a beleza e a postura da jovem Waleska, tendo dançado com ela. Segundo seus biógrafos, ela desde criança o idolatrava.

Madame Waleska, católica, casada, mãe de um filho, aos 21 anos de idade, ficou profundamente constrangida com o assédio do Imperador. A partir de então, começou ela a sofrer forte pressão de políticos, autoridades e parte da sociedade, que viam em Napoleão a única pessoa que poderia interferir no processo de independência do país. Foi então que seu marido, o Conde Anastase Waleski, tomou a decisão de afastar-se, deixando-a livre para decidir-se, apesar do apego e extremado amor que lhe dedicava. Separou-se dela, sendo o divórcio oficializado depois.

Então ela, que se sacrificara no primeiro casamento para salvar sua família, tornou-se amante de Napoleão, em

Varsóvia, tendo viajado a Paris, onde conheceu Josefina, já separada do Imperador, que a recebeu e se impressionou com sua beleza. Retornando a Varsóvia, deu à luz um filho de Napoleão, Alexandre, que viria a ser, no futuro, embaixador francês na Inglaterra e ministro, na época de Napoleão III, seu primo (1852-1870). Após o nascimento desse filho, Napoleão, que acreditava ser estéril, agora, certo de que poderia constituir família, sua aguardada dinastia, desposou a Arquiduquesa da Áustria, Maria Luíza, para grande desgosto de Madame Waleska.

Ao ser derrotado, forçado a abdicar e exilado na ilha de Elba (1814), Napoleão Bonaparte recebeu a visita de Madame Waleska, esquivando-se dela, pois estava casado com Maria Luíza, ausente naquela circunstância.

Como é sabido historicamente, Napoleão conseguiu fugir da ilha de Elba, retornando vitorioso a Paris, reorganizando suas tropas, sendo definitivamente derrotado em 1815 na célebre batalha de Waterloo. Exilado em Santa Helena, ilha inglesa no Atlântico sul, longe da costa oeste da África, nela veio a falecer, em 1821.

Antes de partir, ele recebeu a visita de Madame Waleska, em Paris, no Castelo de Malmaison, quando ela insistiu em acompanhá-lo, tendo ele recusado. Nessa ocasião, Napoleão aconselhou-a a casar-se com seu amigo, o general Ornano, o que veio a acontecer no ano seguinte (1816), tendo ela um filho, Rodolfo. Faleceu meses depois, aos 31 anos, de insuficiência renal.

Verdade seja dita, a Polônia conseguiu pouca coisa por interferência de Napoleão, além de instituir um governo provisório, sem maior representação e que pouco duraria. Suas promessas foram esquecidas, inclusive a que fez a Maria Waleska, no auge da paixão: “Seja paciente, por sua causa seu país me é muito querido agora”. (HRH Princesa Michael of Kent. *As grandes amantes da história*.)

**Gladstone F. Machado**  
é especialista em Cirurgia Torácica

# Academias

Luiz Gonzaga Bertelli

A criação da primeira academia data do ano 386 a.C. Foi ela fundada por Platão em Atenas e deve o seu nome à circunstância fortuita de estar localizada nos jardins do herói lendário da Ática, Academos. Segundo a lenda, Academos teria indicado aos irmãos de Helena o lugar onde Teseu a escondera.

Aberto após o regresso de viagem do filósofo à Sicília, destinava-se a proporcionar a formação filosófica.

Platão mantém-se à frente da academia durante 40 anos. Em torno dele, reuniam-se figuras notáveis.

Posteriormente, fruto do mecenato, floresceram as academias em todo o mundo, particularmente na Itália, congregando sábios e eruditos. Eram destinadas ao cultivo das disciplinas científicas, artísticas e literárias.

Nos colonizadores portugueses, a tradição acadêmica fixa-se no século XVII. Tal como as primeiras academias italianas, eram revestidas de um cunho acentuadamente humanístico e voltadas ao fomento, predominantemente, das atividades literárias.

O marco mais relevante das academias foi a fundação da Real Academia de História, em Portugal, em 1720, e, mais tarde, a Academia das Ciências de Lisboa, no dealbar do século, voltada à investigação científica e ao desenvolvimento da economia.

As academias têm sido, freqüentes vezes, objeto de críticas depreciativas. Censurasse-lhes a solenidade das atitudes, o estilo retórico e a freqüente esterilidade.

Contudo, ao lado desses senões, é justo destacar as benemerências e os seus incontáveis frutos.

Com efeito, a instituição e a difusão das academias estimularam o sentido de cooperação cultural e científica, bem como o aperfeiçoamento das línguas. Isso para não

falar da publicação de numerosas obras, as quais mal poderiam ter sido levadas a efeito fora desses cenáculos de homens cultos.

No Brasil, desde 1829, existe a Academia Nacional de Medicina, fundada no Rio de Janeiro e de merecida reputação. Datam de 1847 as primeiras iniciativas de organizar uma Academia Brasileira de Letras, a mais relevante das nossas academias ou “a mais alta instituição literária do Brasil”, na expressão de Afonso Celso.

Em sua significação pedagógica, o termo “academia” foi fixado por Cícero, que lhe atribuiu o significado de “escola superior”.

Com efeito, cada academia, nos países mais desenvolvidos, está sempre ligada a uma universidade, sendo o reitor, simultaneamente, o reitor da universidade e o presidente da academia.

Antes de Dom João VI, quem no Brasil queria estudar medicina tinha de se deslocar para Coimbra, Montpellier ou Paris. Logo, porém, que chegou à Bahia, criou o príncipe dois cursos de medicina, um na Bahia e outro no Rio de Janeiro.

Rigorosamente, não eram verdadeiras faculdades médicas, porque os alunos por ela formados tinham diploma franqueador do exercício da medicina. Para o exercício da profissão, o médico tinha de receber a aprovação final do cirurgião-mor português e, constantemente, da metrópole lusa. Os reprovados poderiam ser enfermeiros e aplicar bichas ventosas, tratar de feridas, luxações ou fraturas.

Permitam-me ressaltar as excelsas figuras de médicos que deram significativa contribuição às letras brasileiras e as nossas academias.

Teixeira de Mello, fundador da Cadeira nº 6 da Academia Brasileira de Letras, escolhera como patrono o poeta Casemiro de Abreu, de quem fora amigo; Riquette Pinto, sucessor do poeta Osório Duque Estrada; Ramiz Galvão, filólogo, que gozara da amizade de Dom Pedro

II; Peregrino Júnior, jornalista e ensaísta; Oswaldo Cruz, higienista e cientista, sucessor do poeta Raimundo Corrêa na Academia; Miguel Couto, poliglota e profundo conhecedor do vernáculo pátrio; Maurício de Medeiros, escritor e político; Afrânio Peixoto, sucessor de Euclides da Cunha no sodalício maior brasileiro; Afrânio Coutinho; Deolindo Couto; Carlos Chagas Filho e, nos dias hodiernos, Ivo Pitanguí e Moacir Scliar.

Hoje, como sabem, existem 135 cursos de medicina no Brasil, que formam mais de 40 mil médicos por ano; além desses, há cerca de 700 estudantes em Cuba e uns 2 mil na Bolívia, cujos diplomas terão de ser revalidados.

Sabemos que a questão é complexa, em face da ausência das autoridades governamentais, que ainda não refletiram, convenientemente, sobre a má qualidade desses cursos.

Enfim, estimados diretores empossados, entre eles o meu caríssimo irmão Antônio de Pádua, que não teve condições de aqui comparecer para a sua diplomação – não há condições de representá-lo, pelo amor e dedicação que tem à profissão de médico e cirurgião, título que recebeu com apenas 22 anos de idade, o mais jovem de sua turma, além de orador na sessão de diplomação –, que o Deus de todos nós ilumine os seus caminhos, a fim de que o conceito da medicina brasileira não seja conspurcado.

Muito obrigado.

Luiz Gonzaga Bertelli

*Exertos do pronunciamento do doutor Luiz Gonzaga Bertelli, presidente executivo do CIEE e presidente da Academia Paulista de História, na solenidade de posse da Academia de Medicina de São Paulo, no dia 23 de março de 2005, em São Paulo.*

## DEPARTAMENTO CULTURAL

**Diretor:** Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

**Conselho Cultural:** Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore / Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

**Cinemateca:** Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

**Museu de História da Medicina:** Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira